

RESENHA CRÍTICA: “AS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA”

Maria Roberta Soares do Nascimento¹

Ruben Maciel Franklin

RESUMO

O presente texto procura traçar algumas análises em torno da obra *As Veias Abertas da América Latina*, um clássico do escritor uruguaio Eduardo Galeano, procurando identificar o contexto histórico em que foi produzida, suas intenções e abordagens, a partir de uma visão sobre a maneira pela qual o autor pretendeu explicar e denunciar as mazelas e o subdesenvolvimento existentes nos diversos países latino-americanos.

Palavras-chave: América Latina, exploração, subdesenvolvimento.

RESENHA

Ao escrever *As Veias abertas da América Latina*, o escritor uruguaio Eduardo Galeano utilizou uma linguagem mais literária que científica no intuito de descrever a realidade dos diversos países latinos americanos. Nesse sentido, seu trabalho inovou quanto escrita de um texto histórico. Trata-se de uma denúncia em linguagem aberta, onde os dogmatismos e as regras acadêmicas são secundárias diante da beleza e singeleza da escrita, o que torna o texto atraente e apaixonante. Como literato o autor seleciona as palavras, as metáforas e as comparações, penetrando às raízes da colonização da América Latina, buscando a origem das mazelas e do subdesenvolvimento que “devoraram” (e devoram) homens e mulheres nos campos e subúrbios das cidades deste continente.

A obra é dotada de significação política, escrita “*nas últimas noites de 1970, enquanto (Galeano) passava os dias na universidade consultando livros, revistas e jornais*”¹, na turbulência de um período em que as ditaduras militares fundamentadas em interesses imperialistas norte-americanos se instalavam no poder: Brasil (1964), Chile e Uruguai (1973) e Argentina (1976). Nesse contexto, a América Central também

¹ Os autores cursam Licenciatura em História na Universidade Federal do Ceará.

já era alvo de regimes conservadores desde meados do século XX. Países como Guatemala, Nicarágua e El Salvador viviam os seus “anos de chumbo”.

O livro reflete a trajetória militante de Galeano, expressada desde o início de sua carreira jornalística, tendo sido editor da revista *Marcha* (1960 – 1964), do diário *Éphoca* e do jornal *Universidade* (1965 – 1973), seu pensamento revolucionário terminou por levá-lo ao exílio na Argentina em 1973, quando fundou a revista *Crisis*.²

Para Galeano, o extermínio praticado por espanhóis e portugueses aos indígenas no processo de conquista e colonização da América Latina marcou profundamente o continente; o tipo de colonização implantado acabou por definir a condição de dependência e subdesenvolvimento dos países latino-americanos. E no decorrer dos anos, a condição de subordinação destes países não se alterou, mudaram apenas os países aos quais se achavam “tutelados”.

Foi através de uma linguagem forte que o autor narrou a história da violenta colonização da América pelos ibéricos, devastando matas, exterminando milhões de nativos e exaurindo o solo. Assim, abriam-se as veias do continente, e o sangue continuou a jorrar, alimentando as sanguessugas européias e, posteriormente, as norte-americanas.

A prata e o ouro encontrados, respectivamente, em Potosí (séc. XVII) e Vila Rica (séc. XVIII) enriqueceram poucos e empobreceram muitos. No Brasil, os engenhos nordestinos destruíram a fertilidade do solo e a vida dos negros, enquanto as minas espanholas envenenaram e mataram aldeias inteiras. A exploração foi constante e os recursos naturais continuaram a sustentar progresso e o esbanjamento dos países considerados desenvolvidos.

Através de diversos exemplos, o autor relaciona a situação degradante do continente a uma colonização que, em nome de Deus, dizimou civilizações inteiras, subjuguou e assassinou criminosamente milhões de escravos, incendiou florestas, degradou o solo, explorou e arruinou jazidas de metais preciosos. Os “deuses” nativos foram enterrados no seu próprio paraíso.

O livro se inicia com a chegada “acidental” de Colombo à América no final do século XV, a partir daí relata a ação “monstruosa” dos colonizadores ibéricos, nas terras recém-descobertas. Segundo o autor, a conquista não se efetuou somente pelo uso recorrente da violência, mas também por técnicas sutis que favoreciam o domínio sobre os nativos, “os indígenas foram derrotados também pelo assombro”.³

Porém, estes métodos de forma nenhuma substituíram os massacres, e “com tiros de arcabuz, golpes de espada e sopros de peste, avançavam os implacáveis e escassos conquistadores (...)”.⁴ Em busca do “Eldorado”, Cortez incendiou Tenochtitlán e os astecas, Alvarado fez um rio de sangue entre os maias e Pizarro pilhou todo o ouro inca, não antes de cortar fora a cabeça do líder Atahualpa.

A prata extraída de Potosí trouxera a desgraça para os indígenas através do uso da *mita*⁵; ostentando uma falsa riqueza hispânica, encheu os cofres dos vizinhos europeus, proporcionando o acúmulo de capitais que financiaram o posterior desenvolvimento industrial destes. As minas se esgotaram e Potosí foi “evacuada”, para trás ficaram “oito milhões de cadáveres de índios”⁶, as igrejas e um legado de miséria que ainda assolava (e assola) os bolivianos. De acordo com Galeano, a herança da colonização transmitida para os índios foi o trabalho “semi-escravo” em latifúndios e a desapropriação da terra. A matança havia começado com Colombo e nunca cessara. Os crimes contra os índios eram freqüentes, “o contato com o homem branco continua sendo, para os indígenas, o contato com a morte”.⁷

Segundo Galeano, outro exemplo de ascensão e declínio econômico ocorreu em Vila Rica no Brasil. A extração aurífera ocasionou desordenado aglomerado populacional, fantasiou o luxo do Estado português e quitou as dívidas deste com a Inglaterra, que acumulando o metal em seus cofres arcou quando necessário com as despesas da “Revolução Industrial”.

Da mesma forma que Potosí, Vila Rica se exauriu, e o esgotamento das minas trouxe consigo o abandono e a pobreza da região. Restando-lhe vestígios das igrejas e as obras de Aleijadinho. Por terem enriquecido a Europa à custa de sua falência, as regiões referidas foram marcos de como “os metais arrebatados aos novos domínios coloniais

*estimularam o desenvolvimento europeu e pode-se até mesmo dizer que o tornaram possível”.*⁸

Segundo Galeano, além dos metais preciosos, as novas terras ofereceram a possibilidade do plantio agrícola. Os portugueses ocuparam o nordeste brasileiro com a cana-de-açúcar, assim, “*o tapete vegetal, a flora e a fauna foram sacrificadas nos altares da monocultura (...)*”⁹. Os lucros na Europa eram altos, porém ficavam nas mãos dos holandeses, que haviam financiado a montagem dos engenhos. O açúcar produzido nas Antilhas, por sua vez, desbancou o brasileiro que, uma vez em declínio, nunca voltou a obter o esplendor, e a região outrora a mais rica do século XVII, estava desde então a padecer de fome, de analfabetismo e descaso governamental.

O açúcar também foi amargo na América Central. No Haiti, subjugou escravos e ensejou o ódio, “*o país é hoje o mais pobre da América Latina*”.¹⁰ Em Cuba, desde os tempos coloniais havia imperado a “sacarocracia”, até que em 1959 explodiu a revolução socialista em face da dominação norte-americana e o país aos poucos foi encontrando soluções para a situação retardatária.

Para Galeano, a base do sistema colonial na América se constituiu através da escravidão. A própria negociação de carne humana possibilitou ganhos, além de ter sido fundamental para a aquisição de lucros futuros, uma vez que o cultivo da cana-de-açúcar e algodão se efetivaram a partir do trabalho escravo.

Ao ciclo da cana procederam outros: a borracha Amazônica, as plantações de cacau em Salvador-BA, o algodão nordestino e o café sulista, todos ocorridos em meados do século XIX e no decorrer do século XX, embasados na exploração dos recursos naturais e da mão-de-obra barata, proporcionando enormes vantagens para as empresas norte-americanas e européias.

Tal situação não se concretizava somente no Brasil. Em toda a América Latina a exploração de minerais e produtos agrícolas tornava-se fundamental para a acumulação de capitais e para o próprio desenvolvimento econômico dos países estrangeiros, inicialmente dos países europeus (principalmente a Inglaterra) e depois dos Estados Unidos. A dependência dos países desenvolvidos em relação aos minerais dos

subdesenvolvidos se dava porque a tecnologia existente “*não encontrou maneira de prescindir dos materiais básicos que a natureza, e só ela, proporciona*”¹¹, e de forma tão abundante na América Latina.

Os interesses no subsolo contribuíram, de acordo com o autor, para emergência de golpes de Estado (por exemplo, “*os freqüentes golpes de estado na Argentina explodem antes e depois de cada licitação petrolífera*”¹²); de lutas contra a dominação estrangeira (países como Colômbia, Guatemala e Nicarágua deflagraram revoltas, que foram reprimidas violentamente e milhares de mortes foram justificadas em nome do “bem-comum” americano) e de estórias de espionagem em determinados territórios estratégicos, inclusive na Amazônia.

Os diversos países latino-americanos teoricamente livres, após as lutas pela independência, se entregavam de “corpo e alma” aos países desenvolvidos. A extração e comercialização de suas principais riquezas encontravam-se sob o monopólio estrangeiro (foi o caso do salitre e, posteriormente do cobre chileno; do estanho boliviano; do petróleo venezuelano, etc). Além de monopolizar a comercialização dos diversos minerais latino-americanos, os países desenvolvidos interferiam ativamente na política dos mesmos. Assim, em 1952, um acordo militar assinado com os Estados Unidos proibiu o Brasil de vender matérias-primas de valor estratégico, como o ferro, aos países socialistas.¹³ A esse domínio dos produtos primários nos países latino-americanos, se seguiu, posteriormente o “incentivo” à industrialização. Ou melhor, ocorreu uma nova forma de se adquirir mais lucros na América Latina, através da instalação de empresas multinacionais. Em todos os países do continente estas se proliferaram, arrastando os dólares produzidos (devido à mão-de-obra barata e aos incentivos governamentais locais) para os centros e poder do sistema capitalista.

A instalação de tais empresas se dava no contexto de um discurso desenvolvimentista, criando a ilusão de que o crescimento econômico do país beneficiaria a todos, quando na realidade havia mais “náufragos que navegantes”. O discurso do livre - cambismo também foi constantemente utilizado pelos grandes países capitalistas como argumento para o desenvolvimento. Assim, por exemplo, a Inglaterra pós Revolução Industrial apoiou declaradamente o fim do pacto colonial sobre as colônias latino-americanas, ao mesmo tempo em que atuou no sentido de evitar que as

ex-colônias caíssem sob o domínio dos norte-americanos e dos franceses; ou que, nas lutas pela independência, as idéias socialistas se propagassem. O comércio livre, tão efusivamente defendido pelos ingleses, correspondia, na verdade, à necessidade de novos mercados para o escoamento da produção de suas indústrias. Ou seja, “*a independência abriu às portas à livre concorrência da indústria já desenvolvida na Europa*” ¹⁴, aniquilando as incipientes indústrias locais que se desenvolviam no Brasil, na Bolívia, no Chile, no Peru, no Paraguai, etc. este último país, aliás, por ser o único da América latina a possuir, no século XIX, um desenvolvimento econômico autônomo e sustentado, foi alvo da “fúria imperialista” inglesa. A Inglaterra financiou a luta da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai que era o último foco de resistência nacional à inversão de capital inglês e que representava o exemplo “perigoso” de um país que podia se desenvolver “*sem inversões estrangeiras, sem empréstimos de banco inglês e sem as bênçãos do livre comércio*” ¹⁵. Ao fim da guerra o objetivo foi conseguido: o Paraguai ficou numa situação de miséria absoluta. Além disso, os países “vencedores” saíram com um lucro nada expressivo: expandiram seus territórios sobre o país conquistado, no entanto, os empréstimos feitos juntos a Inglaterra, com seus “juros leoninos” acabaram por “hipotecar” seus destinos. ¹⁶

Os empréstimos “encarceravam” os países latino-americanos e muitos deles “*se destinavam a financiar ferrovias para facilitar o embarque ao exterior dos minerais e alimentos*” ¹⁷. Assim, as ferrovias, apresentadas como materialização do progresso, na verdade impediam o desenvolvimento do mercado interno. Ou seja, endividava-se para eu o capital externo pudesse crescer, consolidando ainda mais a divisão internacional do trabalho.

Um aspecto importante ressaltado por Galeano é o de que tanto a Inglaterra como os Estados Unidos exportavam de livre comércio e de livre concorrência, porém para o “consumo alheio”, uma vez que a política interna de ambos se pautava pelo protecionismo, necessário para a afirmação da economia nacional. Tal atitude dos países imperialistas encontrava respaldo nos interesses econômicos e políticos das elites norte-americanas que nunca se interessaram em promover um desenvolvimento econômico interno. Tais elites se satisfaziam com as vantagens que adquiriam com a dependência nacional em relação aos países estrangeiros, principalmente em relação aos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial.

O contexto mundial pós Segunda Guerra foi marcado pelo aumento de multinacionais norte-americanas na economia dos países latino-americanos, o que provocou a desnacionalização industrial nos países em que estas se instalavam, seja pela falência e fechamento das empresas nacionais que não suportavam a concorrência, seja pela venda das mesmas às multinacionais que chegavam. Tais corporações utilizavam os incentivos fiscais dos Estados das regiões em que se alojavam “*para acumular, multiplicar e concentrar capitais*”¹⁸. O crescimento da industrialização, portanto, nos países latino-americanos, não alterou a desigualdade no mercado mundial, não modificou o quadro da divisão internacional do trabalho¹⁹, nem a falta de investimento dos países latinos na criação de tecnologia própria. Paralelamente à monopolização de diversos setores da economia (seja setor industrial ou de serviços) pelos capitais estrangeiros, surgem novas instituições internacionais (Fundo Monetário Internacional – FMI; Banco Mundial; Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID; etc) que também são organismos atuantes na espoliação da América latina. Para conseguir empréstimos, os países são obrigados a cumprir os tratados, as “cartas de intenções” impostas por estas instituições e que aprofundam as injustiças sociais e as desigualdades regionais.

A questão de integração dos países latino-americanos²⁰ também é abordada por Galeano. Segundo o autor, tal integração reforça o domínio ao imperialismo. O fato dos países membros não romperem com o subdesenvolvimento e a dependência, acaba por “integrar as servidões”. Através da abertura das fronteiras internas e da diminuição das barreiras fiscais, a integração possibilita que os monopólios que “estrangulavam” cada país separadamente “*possam ampliar seus movimentos*”.²¹

Enfim, para que o imperialismo norte-americano pudesse ser ampliado na América Latina, a integração era necessária, do mesmo modo que, para que o imperialismo britânico viesse a reinar anteriormente, foi preciso estimular as lutas pela independência ao mesmo tempo em que se evitava a aproximação desses países para uma luta conjunta.

Vale ressaltar que esta integração que acontece com as “bênçãos” norte-americanas, é estimulada apenas pelo viés econômico. Ela não “*nos faz reencontrar nossas origens nem nos aproxima de nossas metas*”.²²

Apesar de ter sido publicado há mais de 30 anos, a obra de Galeano continua atual pra diversas questões, como a discussão para a criação da ALCA, por exemplo.

A escrita fácil do texto, como um romance, permite-nos uma leitura prazerosa, porém inquietante ao tornar possível o conhecimento do processo de subordinação contínua do qual fazemos parte.

Alguns o criticam devido a ausência, muitas vezes, das fontes onde são retiradas as informações. No entanto, seu objetivo, ao escrever a obra não era obter um reconhecimento acadêmico e sim o de difundir que “o subdesenvolvimento não é uma etapa do desenvolvimento. É sua consequência”²³; e que a unidade da América Latina e sua verdadeira emancipação só se darão quando os excluídos levantarem suas cabeças e lutarem para derrubar os “donos” da cada país latino americano, percebendo que o curso da história não descansa nos “joelhos dos deuses”, mas é fruto das “consciências dos homens”²⁴ e de suas ações.

NOTAS

¹ ALLENDE, Isabel. Um sopro de esperança. In: GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2004, p. II.

² Biografia retirada do site: www.escriitores.org/galeano.html

³ GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*.. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2004. p.28.

⁴ GALEANO. *Idem*, p. 30.

⁵ Os homens eram sorteados, e em geral trabalhavam quatro meses, recebendo um pagamento. Cumprido o prazo, deveriam retornar à comunidade, que por sua vez deveria enviar um novo grupo de homens. Segundo Galeano, a cada dez que iam trabalhar no sistema de mita, é provável que somente dois retornassem.

⁶ GALEANO. *Idem*, p. 44.

⁷ GALEANO. *Idem*, p. 60.

⁸ GALEANO. *Idem*, p. 35.

⁹ GALEANO. *Idem*, p. 74.

¹⁰ GALEANO. *Idem*, p. 79.

¹¹ GALEANO. *Idem*, p. 148.

¹² GALEANO. *Idem*, p. 149.

¹³ GALEANO. *Idem*, p. 167.

¹⁴ GALEANO. *Idem*, p. 191.

¹⁵ GALEANO. *Idem*, p. 208.

¹⁶ GALEANO. *Idem*, p. 205.

¹⁷ GALEANO. *Idem*, p. 214.

¹⁸ GALEANO. *Idem*, p. 245.

¹⁹ Tal divisão caracteriza-se pela desvalorização dos preços dos produtos produzidos pelos países da América Latina no mercado mundial; pela diferença salarial dos povos latinos em relação aos trabalhadores dos países desenvolvidos; pela continuidade da exportação, pelos países latino-americanos, de produtos primários e da importação de produtos especializados.

²⁰ Através da Associação Latino-Americana de Livre Comércio – ALALC e do Mercado Comum Centro Americano.

²¹ GALEANO. *Idem*, p. 273.

²² GALEANO. *Idem*, p. 280.

²³ GALEANO. *Idem*, p. 307.

²⁴ GALEANO. *Idem*, p. 281.